

## MÉTODO INTUITIVO, ARQUITETURA, E PRÁTICAS DE HIGIENE COMO ELEMENTOS EDUCACIONAIS MODERNOS NO GRUPO ESCOLAR TENENTE CORONEL JOSÉ CORREIA – ASSÚ/RN

Gilson Lopes da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Por meio deste trabalho, analisamos o método intuitivo, a arquitetura e as práticas de higiene como elementos educacionais modernos no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, implantado na cidade do Assú/RN, em 1911. O referencial teórico está embasado nas reflexões de Azevedo e Stamatto (2012), que desenvolveram estudos sobre a implantação dos grupos escolares em São Paulo e no Rio Grande do Norte e Sergipe, respectivamente. Também nos apoiamos em Saviani (2013) que reflete sobre a implantação de elementos inovadores nos grupos escolares. Como procedimento metodológico, realizamos levantamento documental e a leitura e análise de referências bibliográficas. As fontes utilizadas são uma edição do Jornal A República com a notícia da festa de inauguração do Grupo Escolar do Assú e documentos da Diretoria de Ensino. Os grupos escolares foram criados no estado de São Paulo a partir dos primeiros anos de 1890 e representavam uma proposta educacional e pedagógica inovadora no governo republicano, expandindo-se por todo o Brasil. Essas instituições educativas de aspecto moderno para a época diferenciavam-se das escolas de primeiras letras, modelo que marcou a educação no Império brasileiro e funcionavam geralmente nas residências dos próprios professores ou em outros lugares adaptados e insalubres que dificultavam a relação ensino-aprendizagem. O ensino nos grupos escolares era pautado no método intuitivo, com a circulação de práticas de higiene e a arquitetura idealizada e projetada para o seu funcionamento contava com uma espacialidade ampla e arejada, entre outros elementos que denotam a importância da educação na Primeira República.

**Palavras-chave:** Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, Método intuitivo, Práticas de higiene, Arquitetura, Cidade do Assú.

### Introdução

À época da instituição da República brasileira, seus representantes repensaram vários espaços sociais e atentaram para mudanças no espaço das cidades, cenário de visibilidade do novo momento da história do país. Uma das metas principais era transformá-las num símbolo dos novos tempos, “tirando partido dos elementos que alimentavam esse imaginário coletivo – os serviços, os transportes, o incremento do consumo e do lazer cidadão -, na perspectiva de favorecer a assimilação da cidade, como centro irradiador da novidade, da civilização”. (MOREIRA, 2005, p. 24). A mudança de mentalidade do brasileiro também era uma exigência nesse momento e a República criou os grupos escolares como espaços ideais para a

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Pedagogia da Faculdade do Complexo Educacional Santo André (FACESA-ASSÚ/RN). Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRN. E-mail: [gillopes2000@hotmail.com](mailto:gillopes2000@hotmail.com)

concretização de um projeto de formação do povo em sintonia com valores de civilidade e patriotismo.

Na cidade do Assú ocorreram transformações nesse período que apontam para o novo momento vivido no país. Isso fica evidente na implantação da iluminação elétrica, no abastecimento de água, no calçamento de ruas, teatros e reformas em logradouros públicos. Essas mudanças expressam o desejo dos administradores em garantir no espaço da cidade a inserção de novidades consideradas elementos de uma cultura moderna à época. Complementando esse momento de transformações, ocorre a implantação do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, inaugurado no dia 07 de setembro de 1911.

À época da implantação do grupo escolar, o Assú passava por um processo de transformações no espaço urbano impulsionado pelo crescimento da economia local, dado que a cidade era uma das principais produtoras de algodão e cera de carnaúba no interior do Rio Grande do Norte. A própria construção de um grupo escolar denota esse crescimento, pois os prédios foram implantados inicialmente em áreas de desenvolvimento econômico crescente e acelerado.

Os grupos escolares foram criados no estado de São Paulo a partir dos primeiros anos de 1890 e representavam uma proposta educacional e pedagógica inovadora no governo republicano, expandindo-se por todo o Brasil. Essas instituições educativas de aspecto moderno para a época diferenciavam-se das escolas de primeiras letras, modelo que marcou a educação no Império brasileiro e funcionavam geralmente nas residências dos próprios professores ou em outros lugares adaptados e insalubres que dificultavam a relação ensino-aprendizagem. O ensino nos grupos escolares era pautado no método intuitivo, com a circulação de práticas de higiene e a arquitetura idealizada e projetada para o seu funcionamento contava com uma espacialidade ampla e arejada, entre outros elementos que denotam a importância da educação na Primeira República.

Este trabalho tem o objetivo de analisar o método intuitivo, a arquitetura e as práticas de higiene como elementos educacionais modernos no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia. O referencial teórico está embasado em Azevedo e Stamatto (2012), que desenvolveram estudos sobre a implantação dos grupos escolares em São Paulo e no Rio Grande do Norte e Sergipe, respectivamente. As autoras destacam e analisam os diversos elementos implantados nos grupos escolares e que denotam exatamente aspectos de uma educação moderna. Também nos apoiamos em Saviani (2013) que reflete sobre a importância dos elementos inovadores nos grupos escolares.

Como procedimento metodológico, realizamos levantamento documental e a leitura e análise de referências bibliográficas. As fontes utilizadas são uma edição do Jornal A República com a notícia da festa de inauguração do Grupo Escolar do Assú e documentos da Diretoria de Ensino.

### **A implantação do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia e o método intuitivo**

Os grupos escolares foram criados na década de 1890 em São Paulo e se consolidaram por todo o Brasil. No Rio Grande do Norte, foi implantado em 1908 o Grupo Escolar Augusto Severo. A partir dele, difundiram-se diversos outros no interior fazendo parte do projeto de modernização do estado, juntamente com outros melhoramentos como “a abertura de estradas, a construção de linhas férreas, o aformoseamento de praças e ruas, a iluminação elétrica e as práticas de higienização e civilidade da população”. (SILVA, 2011, p. 56).

Moreira (2005, p. 110), ainda considera que a consolidação desses novos espaços de escolarização estavam “intrinsecamente relacionadas às demandas políticas e às diferentes práticas econômicas” desenvolvidas nas regiões de implantação, visivelmente correlacionadas “às localidades inscritas nas áreas da produção do açúcar e do algodão”, núcleos mais representativos do Rio Grande do Norte e mais fortes politicamente.

Fazendo parte das mudanças e inovações aplicadas no contexto urbano e nos serviços públicos, os grupos escolares simbolizavam uma educação pública de qualidade para a população e expressava um modelo de pedagogia moderna do ideário republicano, em sintonia com as propostas de transformação que circulavam por todo o país.

Nas primeiras décadas do século XX a cidade do Assú apresentava importantes aspectos de transformações e a implantação do novo modelo da educação primária proposta pelo governo republicano acontece exatamente dentro do progresso socioeconômico da cidade. De acordo com Bezerra (2010) a sociedade assuense demonstrava euforia na busca do desenvolvimento do município e esforçava-se para apresentar condições de acompanhar o ritmo do estado e do país, “Mas toda esta empolgação carecia de algo capaz de assegurar a elevação não só cultural, mas, acima de tudo a formação educacional da juventude assuense”. (BEZERRA, 2010, p. 84).

A ideia de implantação de um Grupo Escolar na cidade do Assú se deu a partir de 1910 sob a iniciativa do juiz de direito José Correia de Araújo Furtado. Diante dos sinais de progresso pelos quais a cidade passava, José Correia percebeu o quanto era necessário um

local apropriado que pudesse oferecer instrução primária de qualidade para a população e realizou campanhas comunitárias para levar adiante o empreendimento. Bezerra (2006, p. 4) destaca que depois de alguns meses da campanha, o juiz de direito “adquiriu, com o apoio de fazendeiros, amigos e a participação de influentes senhoras da comunidade, um prédio para funcionamento da primeira escola pública”.

O intendente municipal à época era o coronel Antônio Saboya de Sá Leitão (1908-1913), que desenvolveu importantes obras no espaço urbanístico da cidade e abraçou a ideia da implantação de um grupo escolar no Assú, “sendo esse um acontecimento de alto relevo para a cidade, que já necessitava de um estabelecimento de ensino à altura do seu desenvolvimento e da sua elevação demográfica”. (AMORIM, 1982, p. 44).

Durante a administração do Governador Alberto Maranhão foi lançado no dia 11 de agosto de 1911 o Decreto nº 254 criando “na cidade do Assú um Grupo Escolar denominado Tenente Coronel José Correia, compreendendo duas escolas elementares, uma para cada sexo e uma mista infantil”. (RIO GRANDE DO NORTE, 1911). Demonstrando o envolvimento do povo assuense com os ideais patrióticos que tomavam conta do país à época “suas portas foram abertas na data em que se comemorava a Independência do Brasil” (BEZERRA, 2006, p. 5), no dia 07 de setembro de 1911.

A educação primária que se instituiu nos grupos escolares representa um novo momento no contexto da história da educação brasileira. As instituições tinham traços marcantes, dispondo de um grande aparato de inovações pedagógicas e arquitetônicas com a finalidade de construir uma nova identidade nacional e um perfil de povo civilizado e letrado formando cidadãos amantes da ordem e do progresso.

Pinheiro (2002) esclarece que esses novos espaços de funcionamento do ensino primário apresentavam como principais características físicas prédios projetados com base na racionalização do espaço interno, com salas de aula amplas, sala de direção e dos professores, além de “secretaria, laboratórios didáticos, museu, biblioteca, áreas de recreação de cuja configuração constavam pátios internos, jardins, largos, refeitório e/ou cantina, quadra para jogos e, posteriormente, campo de futebol”. (PINHEIRO, 2002, p. 140).

Amorim (1982, p. 44), que contava com 12 anos na época da implantação do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, informa que a solenidade de inauguração “foi por demais festiva e teve seletivo comparecimento”. A festa foi destaque na matéria intitulada **A Reforma da Instrução Pública**, do Jornal A República, importante veículo de comunicação de Natal, que circulava em todo o Estado.

A sessão inaugural contou com a participação de algumas autoridades como o coronel Antônio Sabóya de Sá Leitão, presidente da Intendência e representante do Governador do Estado; Dr. José Correia de Araújo Furtado, juiz de direito; coronel Antônio Soares de Macedo; capitão Ezequiel Epaminondas da Fonseca, delegado escolar; Palmério Filho e Otávio Amorim, representantes da cidade; além de distintas famílias e cavalheiros. (A REFORMA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1911).

Segundo a matéria, a festa de inauguração contou com uma série de discursos que enaltecia o novo modelo de educação proposto pelo ideário republicano. Em seu discurso, por exemplo, o professor Anphilóquio Câmara abriu a sessão de inauguração enaltecendo a reforma da instrução pública realizada na época pelo governador Alberto Maranhão. Dissertou sobre a tríade educacional que orientava o funcionamento das instituições, física, moral e intelectual e explicou como deveria ser ministrado o ensino moderno nos grupos escolares. No encerramento da sessão, o professor Anphilóquio Câmara afirmou que a inauguração do grupo escolar “vinha a ser um atestado bem eloquente do amor e dedicação dados aquela terra pelos espíritos esclarecidos e progressistas do Dr. José Correia e Cel. Antônio Saboya”. (A REFORMA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1911).

As falas do professor Anphilóquio indicam a importância dada em todo o país aos grupos escolares como espaço pedagógico moderno, mas também expressam a dedicação e a visão progressista que tomava conta dos representantes políticos no início do século XX, principalmente em relação ao destaque para esses equipamentos educacionais no espaço urbano até mesmo das pequenas cidades.

Os processos didáticos e metodológicos adotados nos grupos escolares expressavam uma nova orientação pedagógica dada ao ensino que trouxe novos rumos para a educação primária. Segundo o artigo 42 da Lei 405 de 29 de novembro de 1916 (RIO GRANDE DO NORTE, 1916, p. 53), as lições aplicadas nos grupos escolares “serão sobretudo práticas e concretas; os professores as encaminharão de modo que as faculdades do aluno sejam incitadas a um desenvolvimento gradual e harmônico, cumprindo ter em vista o desenvolvimento da faculdade de observação, empregando-se para isto processos intuitivos”.

Saviani (2013) informa que o Decreto nº 7247, de 19 de abril de 1879, documento que ficou conhecido como Reforma Leôncio de Carvalho, sinalizava para o uso dos princípios do método intuitivo no município da Corte. O documento já explicita algumas disciplinas que apontam para o uso do método como Prática do ensino intuitivo ou lições de coisas e Noções de coisas. Todavia, Caetano de Campos tomou o método como base para a organização das escolas-modelos e dos grupos escolares na reforma da instrução pública paulista no final do

século XIX e o método intuitivo tornou-se referência nos grupos escolares durante a Primeira República. De acordo com Saviani (2013, p. 173),

[...] o método intuitivo surgiu na Alemanha no final do século XVIII e foi “divulgado pelos discípulos de Pestalozzi no decorrer do século XIX na Europa e nos Estados Unidos, esteve na pauta das propostas de reforma da instrução pública formuladas no final do império. Rui Barbosa foi um grande defensor desse método, cujos princípios e fundamentos foram por ele sistematicamente apresentados em seus célebres ‘pareceres’, culminado com a tradução do livro de Calkins sobre a *Lição de coisas*, que é a essência do método intuitivo.

Para a instituição do método intuitivo nos grupos escolares era necessário uma série de aparatos que despertassem o desejo do aprendizado pelos alunos e contextualizassem de forma mais dinâmica a observação e a assimilação dos conteúdos colocando em circulação as novas ideias pedagógicas despertadas pelo método. A iminência da Revolução Industrial viabilizou a produção de novos materiais didáticos como suporte físico do método de ensino. Saviani (2013, p. 138), informa que esses materiais, “difundidos nas exposições universais, realizadas na segunda metade do século XIX com a participação de diversos países, entre eles o Brasil, compreendiam peças do mobiliário escolar; quadros-negros parietais; caixas para ensino de cores e formas; quadros do reino vegetal, gravuras, objetos de madeira, cartas de cores para instrução primária; aros, mapas, linhas, diagramas”.

O Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, seguindo os novos preceitos pedagógicos, contava com a utilização de recursos que ajudavam no auxílio da aprendizagem do aluno, como figuras, mapas geográficos e outros recursos que deixavam as salas coloridas, alegres, propícias para o aprendizado.

O material pedagógico utilizado inicialmente no grupo contava com “dois contadores mecânicos, 1 coleção de sólidos e formas geométricas de madeira, 1 mapa do Brasil, 1 globo terrestre, 3 quadros negros de 1m. por 2m., 1 frasco de tinta preta, 2 dúzias de lápis Faber, 1 caixa de giz, 1 resma de papel almaço, 1 caixa de penas, 2 folhas de mata-borrão”. O material escolar consistia em “3 mesas para professores sobre estrados e respectivos tinteiros, 6 cadeiras de junco austríacos, 45 bancos carteiras, sendo 15 para meninos de pequenas estaturas e os restantes de bitola mais alta, para dois alunos cada um, sistema americano, 4 escarradeiras, 1 lavatório completo, 6 toalhas felpudas, 3 tímpanos, 1 sineta grande e 1 relógio de parede” (A REFORMA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1911).

Os princípios do método intuitivo rejeitavam as aulas apenas expositivas com o intuito de despertar a atenção dos alunos com perguntas e explicações, provocando a sua participação.

Azevedo e Stamatto (2012, p. 57), assinalam também que “para o benefício dos processos intuitivos, a experiência baseada nos sentidos deveria ser associada à recreação e ao prazer, estratégia para o desenvolvimento da criatividade dos alunos com o fito de levar à educação intelectual”. Em entrevista cedida para Rosanália de Sá Leitão Pinheiro (1997, p. 150), Clarice de Sá Leitão Soares, que iniciou o curso primário no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, apresenta o seguinte depoimento:

O primeiro ano infantil era a classe da alegria. Ali cantava-se, declamava-se. Fazia-se calistênica<sup>2</sup>, marchas e evoluções na própria classe. Ninguém sentia-se cansado. Relembrando tudo isso ainda sinto saudades, até a emoção. Ao início da aula cantávamos:

Deixemos os brinquedos vamos estudar

O mestre é nosso amigo, a escola outro lar

Atentos pois ouçamos dos mestres as lições

Que ilustram nossa mente

Que nos tornam bons.

O término era com canto também:

Até amanhã escola

Com saudades te deixamos

Na certeza que consola

Que bem cedo voltaremos

Depois de estudarmos tanto

Como é grato repousar

No amparo amigo e santo

Da sombra amável do lar.

---

<sup>2</sup> A calistênica sueca fazia parte das práticas de ginástica que eram desenvolvidas nos grupos escolares. Era realizada geralmente na própria sala de aula, entre as carteiras, e consistia em movimentos regulares de cabeça, tronco e membros e evoluções entre as carteiras. Essa prática era proposta pelo Departamento de Educação com a finalidade de auxiliar e regular o desenvolvimento do corpo e repousar o espírito dos educandos. Estava em consonância com o ensino proposto pelo governo republicano, com o objetivo de desenvolver as condições físico-psicológicas e despertar os aspectos intelectuais, morais e físicos dos alunos. Até mesmo o uso dos cantos, que ocorriam no início e fim das aulas e no percurso dos passeios escolares, também fazia parte das práticas recomendadas pelo Departamento de Educação, além dos intervalos para recreio que deveriam ser de meia hora, interrompendo as quatro horas de aulas diárias.

Aluna de Sinhazinha Wanderley no grupo escolar do Assú, Clarice de Sá Leitão Soares relembra que a professora “era o protótipo da educadora”, pois dava sempre “aulas maravilhosas! Era a escola da vida e a pedagogia do amor”. Sobre o material didático utilizado em sala, Clarice também informa que Páginas Infantis, de Mariano de Oliveira era o nome do livro que estudavam e que “Havia na classe mapas de linguagem, de matemática, representado por bolinhas, para ensinar a contar” (Apud PINHEIRO, 1997, p. 150). Em seus métodos didáticos, Sinhazinha Wanderley sempre procurou desenvolver atividades prazerosas, lúdicas, trabalhando a leitura, a escrita, a literatura, o teatro e o canto. Nessas aulas o aluno tinha a possibilidade de observar, vivenciar, experimentar o conteúdo conforme sugere o método intuitivo (SILVA, 2010).

### **Arquitetura e práticas de higiene no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia**

O novo cotidiano da escola primária republicana também estava voltado para a preocupação com a higiene e a formação de um povo ordeiro, educado, organizado, limpo não só fisicamente como também mentalmente. Segundo o Regimento Interno dos Grupos Escolares (RIO GRANDE DO NORTE, 1925, p. 18), em seu artigo 39, “Antes do início dos trabalhos de cada dia, haverá revistas de asseio não só do corpo, como das roupas” e expressa que era uma das funções do professor “providenciar para que seja sanada qualquer falta que encontrar” sem expor o aluno ao ridículo.

As orientações existentes nos documentos relacionadas aos cuidados com o corpo, com a saúde e a higiene física e mental exerciam diversas funções e contribuíam para acabar com os vícios, cultivar e promover atitudes saudáveis e de higiene e prevenir doenças desde a infância. Além disso, também existia o objetivo premente de desenvolver hábitos de civilidade e urbanidade necessários para a vida em uma sociedade moderna que o governo republicano buscava formar.

Até mesmo o planejamento arquitetônico dos grupos escolares deveria possibilitar a formação de hábitos de higiene, de moralização e de controle. A Diretoria Geral do Departamento de Educação concebia nos documentos e planos de ensino discussões sobre a arquitetura dos prédios escolares destacando a localização, tamanhos, distribuição de salas, iluminação, aeração dos espaços e equipamentos com o intuito de substituir a imagem das escolas de primeiras letras que funcionavam nas residências dos professores, em galpões ou casebres insalubres e que existiam em função do professor, pois, se ele fosse transferido, a

escola também seria transferida. Da mesma forma, se ele fosse destituído do cargo ou morresse, a escola fechava.

Azevedo e Stamatto (2012, p. 54), observam que a partir do estabelecimento de um prédio para o funcionamento da escola, em caso de qualquer eventualidade com o professor “a instituição escolar continuava presente na comunidade, não pela ação do mestre, mas pela presença suntuosa do edifício onde funcionava a aula”. Moreira (2005, p. 40), também afirma que o funcionamento da escola em um prédio apropriado e dotado de amplas instalações também elevava “os edifícios escolares à altura da importância atribuída à educação nas primeiras décadas do período correspondente à República Velha”.

Sobre o Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, a matéria do Jornal A República (A REFORMA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1911), informa que “O belo e elegante edifício do grupo está situado na Rua São Paulo, em lugar seco e elevado, afastado do centro e de grande atividade comercial e quase no meio de uma área de 52 metros de largura, por 65 metros de comprimento” com “orientação para o norte e mede 14m.50 de largura por um comprimento de 17m.50 e 14m.30 de altura”. A nota destaca ainda as divisões internas do grupo escolar:

O edifício grupal tem todos os compartimentos exigidos por lei e em muito boas condições. São eles: três salas de aula, 1 no centro (a infantil) com 4m.25 de largura, 7m.10 de comprimento e 4m de altura; uma esquerda, lado oeste (classe elementar masculina) medida 8 metros de comprimento por 4m.45 de largura, e uma outra a direita, do lado nascente, que é a sala da classe elementar feminina tendo as mesmas dimensões da elementar masculina; dois vestiários, lado do norte, continuação das salas d’aula elementar, medindo cada um 4m.45 de largura por 5m.25 de comprimento; um gabinete para a diretoria e arquivo, com 2m.70 de comprimento e 4m.25 de largura, e mais um salão colocado no lado ao sul, que se presta perfeitamente ao funcionamento de uma aula com bancos individuais, tendo 2m.70 de largura por 13m.60 de comprimento correspondendo está extensão a largura do prédio. Em todos esses compartimentos há luz e ar suficientes, as duas questões capitais a se resolver no estabelecimento de ensino, pois crescido é o número de aberturas, portas e janelas, que o edifício oferece (A REFORMA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1911).

O lado do ocidente do grupo também apresentava cinco janelas e uma porta no centro “que dá passagem para o recreio dos meninos; para o nascente o mesmo número de janelas e porta, que facultam a fiscalização de ambos os recreios, e para o norte, a classe infantil tem uma porta e cada vestiário duas janelas”. Ainda sobre as áreas destinadas ao recreio “são muito espaçosas e divididas por um muro ao meio, com divisão para ambos os sexos, sendo alpendradas” (A REFORMA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1911).

Para Azevedo e Stamatto (2012, p. 29) a arquitetura dos prédios escolares pode ser considerada um elemento curricular, “visto que seus efeitos se voltavam para a organização disciplinar e a espacialização de sujeitos e práticas, condicionando mentes e comportamentos”. Sobre o Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, a matéria do Jornal A República (1911) destacava que:

O grupo está erguido do nível do solo um metro e 90 tendo uma escadaria de sete degraus, que dá subida em frente para a aula mixta nos lados para os vestuários o porão sobre que está posto o pavimento assoalhado do edifício, possui muitos ventiladores, de sorte que, na parte inferior do prédio, o ar renova-se bem, não causando prejuízo a saúde dos que diariamente vem ao grupo. No salão do gabinete do Diretor há uma escadaria em forma de espiral, dando acesso a um sótão de um dos salões que tem 10m.10 de comprimento por 4m.25 de largura, com cinco janelas para o oeste, outras 4 para leste e duas portas com varandas para sul e mais duas para norte.

As latrinas estão construídas de conformidade com o que recomenda o art. 50 do Cód. de Ensino, tendo uma, a dos meninos 5,50 metros de comprimento e 2,50 metros de largura e outra, a das meninas, 3 metros de largura e 5,50 metros de comprimento.

Percebemos na nota que o prédio do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia seguia as orientações do Regimento Interno dos grupos e demonstrava ser um ambiente favorável por contar com uma grande quantidade de janelas que favorecia a circulação do ar no ambiente, além de contar com ventiladores. Essa orientação para a circulação do ar era necessária inclusive para evitar a proliferação de possíveis doenças no espaço escolar. Os cuidados com as concepções de higiene e saúde também ficam evidentes na descrição das latrinas, construídas em conformidade com as recomendações do código de ensino.

A percepção desses elementos que preconizavam hábitos saudáveis e higiênicos também exerciam sobre os alunos um papel pedagógico e disciplinar sendo levados inclusive para a convivência fora do espaço escolar. De acordo com Azevedo e Stamatto (2012, p. 31), os diversos princípios higienistas presentes tanto na arquitetura quanto nas práticas escolares “possibilitariam às crianças o contato com um ambiente confortável e permeado de influências positivas para o seu processo de formação, aspectos nem sempre presentes em suas próprias residências”.

## **Considerações finais**

Desenvolvemos neste trabalho uma análise do método intuitivo, da arquitetura e das práticas de higiene como elementos educacionais modernos no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, implantado no ano de 1911 na cidade do Assú, interior do Rio Grande do Norte. Observamos que a inauguração desse espaço educacional reforçou as perspectivas de inovação empreendidas a partir do desenvolvimento socioeconômico local, evidenciando que o debate de modernização nacional também chegou na pequena cidade sertaneja.

Souza (1998), destaca que os grupos escolares e a cidade tinham identidades interligadas, uma significando e dando sentido a outra. Na escola, enquanto templo do saber, as dimensões da vida urbana eram traçadas. O crescimento das cidades trouxe à vida republicana uma nova feição: era o prelúdio da vida urbana e a escola passa a fazer parte integrante desse cenário. Assim, acreditamos que a implantação do Grupo Escolar Tenente Correia José Correia foi um fato significativo detonando a importância das transformações no espaço urbano da cidade do Assú.

Magalhães (2004, p. 23) observa ainda que desde finais do século XIX as políticas e organizações educacionais passavam por transformações baseadas em visões pluridimensionais e multifatoriais, sendo representadas por organismos sistêmicos, internos e de relação. Nesse processo de transformações no campo educacional o autor chama a atenção para a focalização da renovação da pedagogia escolar que antes estava centrada na figura do professor e nesse novo momento baseia-se no eixo escola-aluno.

No âmbito dos grupos escolares, são aplicados novos métodos e recursos didáticos no sentido de envolver e transformar as relações de ensino-aprendizagem por parte dos alunos. Em nosso trabalho, evidenciamos essas inovações e elementos modernos por meio da instituição, no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, do método intuitivo, das práticas de higiene e de uma arquitetura própria e estruturada. Elementos que diferenciavam o modelo educacional republicano das escolas de primeiras letras do Império, que funcionavam muitas vezes nas residências dos professores ou outros lugares insalubres e por meio de métodos educacionais rudimentares.

### **Referências bibliográficas**

- AMORIM, Francisco. **Assú da minha meninice (Memórias)**. Natal, RN: Editora Clima, 1982.
- A REFORMA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA: “Os Grupos Escolares”. **Jornal A República**. 09/09/1911. Natal.

AZEVEDO, Crislane Barbosa; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **Escola da Ordem e do Progresso: Grupos escolares em Sergipe e no Rio Grande do Norte**. Brasília: Liber Livro, 2012.

BEZERRA, Ivan Pinheiro. **Assú – Dos Janduis ao sesquicentenário**. Mossoró: Queima-Bucha, 2010.

BEZERRA, Ivan Pinheiro. **Escola José Correia – 95 anos de glória**. Tribuna do Vale do Açu. 02/09/2006. Assú.

MAGALHÃES, Justino Pereira. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MOREIRA, Ana Zélia Maria. **Um espaço pioneiro de modernidade educacional: Grupo Escolar “Augusto Severo” – Natal/RN (1908-13)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

PINHEIRO, Rosanália de Sá Leitão. **Sinhazinha Wanderley: o cotidiano de Assú em prosa e verso (1876-1954)**. Tese (Doutorado em Educação). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 1997.

RIO GRANDE DO NORTE. **Decreto n° 254, de 11 de agosto de 1911**. Cria na cidade do Assú o Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia. Palácio do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, 11 de agosto de 1911.

RIO GRANDE DO NORTE. **Lei n° 405, de 20 de novembro de 1916**. Reorganiza o ensino primário, secundário e profissional no Estado. Congresso Legislativo, Natal, 29 de novembro de 1916.

RIO GRANDE DO NORTE. **Regimento Interno dos Grupos Escolares**. Departamento de Educação, Natal, 15 de maio de 1925.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SILVA, Antônia Milene da. **O Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, Assú – RN: Modernização do ensino primário (1911-1930)**. Monografia (Especialização em Educação). Mossoró: Universidade Estadual do Rio grande do Norte, 2010.

SILVA, Maria da Conceição Farias da. **O Curso Normal de 1° Ciclo em Assú/RN (1951/1971)**. Tese (Doutorado em Educação). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2011.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.